

LICÇÃO Nº 2 – A PREDILEÇÃO DOS PAIS POR UM DOS FILHOS

Subsídio elaborado por
Inacio de Carvalho Neto.

E-mail do autor: inacioneto@inaciocarvalho.com.br

Comentários iniciais:

- Estamos neste trimestre estudando relacionamentos em família, com base em alguns casos bíblicos. Na aula de hoje, estudaremos a predileção dos pais por um dos filhos, baseado no caso de Isaque e Rebeca em relação a Esaú e Jacó.

- Mas antes de tratar especificamente da predileção dos pais por uma dos filhos e do caso de Isaque e Rebeca, convém entendermos qual é o papel dos pais em relação aos filhos, de acordo com os ditames estabelecidos na Palavra de Deus.

- Em primeiro lugar, convém notar que Deus quer que todos os seres humanos sejam pais. Ao proferir a bênção sobre o primeiro casal e lhes dar tarefas, a segunda tarefa que Deus lhes deu foi a ordem de multiplicação (Gn. 1.28). Tem-se, portanto, que a geração de filhos é mandamento divino.

- Em Seu propósito de fazer do homem um ser que tivesse comunhão com Ele e participasse da Sua existência, Deus quis que o homem e a mulher fossem “cocriadores” com Ele, fazendo parte da criação de novos seres humanos. Deus poderia ter criado pessoalmente e diretamente cada ser humano, mas Ele preferiu colocar o ser humano como participante nesse processo de criação (ao contrário dos anjos, que não podem gerar novos seres).

- Notem que o processo de geração de nova vida humana é sempre um ato de três pessoas, o homem, a mulher e Deus. O homem entra com o espermatozoide, a mulher entra com o óvulo, e Deus coloca nesse ovo formado pela junção do espermatozoide com o óvulo a alma e o espírito.

- E não apenas na geração da nova vida, mas também na conservação dessa nova vida, há a participação dos três. Pai e mãe são responsáveis por manter a vida desse novo ser, e Deus sustenta toda a Sua criação (Hb. 1.3), providenciando a própria sobrevivência biológica dos seres que criou (Mt. 5.45; 6.25-31). Essa cooperação entre os pais e Deus na criação dos filhos perdura por toda vida dos filhos, especialmente na menoridade.

- É por essa condição de participantes na criação do novo ser que os pais adquirem a condição de primeira autoridade sobre os filhos. Como “cocriadores”, os pais merecerem obediência e honra. É o princípio da autoridade, essencial para a vida em sociedade.

- É por isso que o quinto mandamento (honrar aos pais) é o primeiro mandamento com promessa (Ex. 20.12; Dt. 5.16; Ef. 6.1-3), pois os pais são representantes de Deus para com os filhos, por sua participação na criação deles.

- A Bíblia registra que Jesus cumpriu explicitamente esse mandamento (Lc. 2.51: “era-lhes sujeito”). Jesus também censurou a tradição judaica que tinha flexibilizado esse mandamento (Mt. 15.3-6).

- Paulo diz que os pais devem criar os filhos na doutrina e na admoestação do Senhor (Ef. 6.4). Isso significa que eles devem cuidar não apenas do desenvolvimento físico do filho, dando-lhe o necessário para a sua sobrevivência material, mas também do crescimento espiritual, sendo ensinado na Palavra de Deus.

- A Bíblia afirma que Jesus, enquanto homem, cresceu em sabedoria, em estatura e em graça para com Deus e com os homens (Lc. 2.52). Os responsáveis por esse crescimento foram, obviamente, seus pais humanos, José e Maria.

- Sendo participantes da geração e criação dos filhos, os pais não só exercem legítima autoridade sobre eles, mas também devem ser exemplo para eles. Sendo representantes de Deus, os pais devem agir como Deus. Não é à toa que Deus é chamado de Pai na Bíblia.

- É uma grande responsabilidade que paira sobre todos os pais e mães a de ser exemplo para os seus filhos, o que exige que sigamos as pisadas do Senhor. Não foi à toa que Deus mandou que os pais tivessem a lei em seus corações e a intimassem aos seus filhos, falando dela em todas as circunstâncias (Dt. 6.6-7).

- Devemos ressaltar nesse texto o uso da expressão “intimar”, que é uma comunicação de uma autoridade, uma ordem para fazer alguma coisa. Portanto, esse texto mostra que os pais são autoridade sobre os filhos. Mas essa autoridade pressupõe o exemplo; do contrário, serão como os fariseus, que perderam totalmente a credibilidade em seu ensino (Mt. 23.2-3).

- Dar exemplo é fazer como Jesus fez: primeiro fazer para depois ensinar (At. 1.1). Aliás, o texto de Dt. 6.6-7, antes mencionado, também já deixa isso claro: primeiro os pais têm que ter a Palavra de Deus no seu coração, para só então ensiná-las a seus filhos.

- Na falta de condições de ser exemplo para seus filhos, muitos pais cristãos têm terceirizado a educação cristã de seus filhos para a igreja, para as professoras da Escola Dominical, para a líder do grupo de crianças ou jovens da igreja, etc. Mas essa conduta contraria o mandamento divino. É papel dos pais criar os filhos na doutrina do Senhor. A igreja auxilia os pais, mas a responsabilidade é dos pais.

- Tendo que imitar Deus para ser exemplo para os filhos, os pais precisam ter, entre outras características, a imparcialidade, já que Deus é imparcial, Ele não faz acepção de pessoas (Dt. 10.17; 2Cr. 19.7; Jó 34.19; Is. 47.3; At. 10.34; Rm. 2.11; Ef. 6.9; Cl. 3.25; 1Pe. 1.17).

- Deus é tão imparcial que Ele faz com que o sol se levante sobre maus e bons, e que a chuva desça sobre justos e injustos (Mt. 5.45). Isso não significa que Deus não trate alguns de Seus filhos de forma especial.

- Ao contrário, o próprio Deus dá testemunho, por exemplo, da forma de tratamento especial dada a Moisés: “E disse: Ouvi agora as minhas palavras; se entre vós houver profeta, eu, o SENHOR, em visão a ele me farei conhecer ou em sonhos falarei com ele. Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, e de vista, e não por figuras; pois, ele vê a semelhança do SENHOR; por que, pois, não tivestes temor de falar contra o meu servo, contra Moisés?” (Nm. 12.6-8).

- É como que se Deus estivesse dizendo: Moisés é meu protegido, não toquem nele. Mas notem a causa dessa proteção: Moisés “é fiel em toda a minha casa”. Ou seja, Moisés teve tratamento privilegiado de Deus por causa da sua fidelidade. E na única vez em que Moisés falhou, Deus não deixou de repreender e punir Moisés.

- Da mesma forma, os pais podem tratar diferentemente os seus filhos, em razão de características diferentes entre eles. É natural que assim seja. Um filho é mais obediente que outro, por exemplo, e em razão disso ele tem maior confiança de seus pais. Se um filho tem mais dificuldade de aprendizagem, ele deve ser mais cobrado que o outro no seu desempenho escolar.

- Isso não é a predileção que vamos tratar aqui, não há nada de errado nisso. O tratamento não tem que ser igual. O propósito sim, é que precisa ser igual. E qual é o propósito na criação dos filhos? É o desenvolvimento de cada filho em todos os aspectos, a começar do espiritual. Este propósito precisa ser igual para todos os filhos. Os pais devem tratar cada filho da forma necessária para atingir este propósito. E esta forma de tratamento será diferente em cada filho, pois cada filho é diferente do outro, cada filho é único.

- Aliás, convém notar que o conceito jurídico de igualdade é justamente “tratar os iguais igualmente, e os desiguais desigualmente, na medida da sua desigualdade”. Não seria igualdade tratar filhos diferentes de forma igual; isso seria injustiça.

- Além disso, é também natural que os pais tenham certa predileção por um ou outro filho. Como humanos que somos, temos nossos gostos pessoais. E, se um dos filhos está mais alinhado com esse gosto, é natural que ele seja mais próximo.

- O que absolutamente não podemos fazer é sermos parciais. Os filhos devem ser tratados de forma imparcial, sempre. Note-se bem: de forma imparcial, não de forma igual. Cada um será tratado da forma como deve ser tratado, diferentes uns dos outros. Mas todos de forma imparcial.

- Se um filho comete um erro X, ele deve receber a punição própria para esse erro; se outro filho comete o mesmo erro X, ele deve receber a mesma punição que o primeiro recebeu. Se um filho adquiriu direito a determinado privilégio, outro filho que agiu da mesma forma deve também ter o mesmo privilégio. Isso é ser imparcial.

- Com estes pressupostos, passemos a tratar da predileção dos pais por um dos filhos, a partir do exemplo de Isaque e Rebeca.

- Sabemos que o nascimento de Isaque foi um milagre de Deus; o filho da promessa nasceu quando sua mãe, Sara, até então estéril, já tinha 90 anos de idade, já tendo

encerrado seu ciclo menstrual. Esse nascimento miraculoso foi o início da formação do povo de Deus.

- Isaque tinha plena consciência disso e sempre se portou em obediência ao Senhor, sabendo claramente que era o portador da promessa de seu pai e que seria o instrumento para a formação de uma grande nação e da bênção para todas as famílias da Terra.

- Vemos essa convicção claramente no episódio em que Isaque foi levado a sacrifício pelo seu pai Abraão. Mesmo ao tomar conhecimento de que seria a vítima daquele sacrifício pedido por Deus, Isaque não se rebelou contra seu pai, não fugiu, não resistiu (embora pudesse fazê-lo, já que ele já era um moço, sendo seu pai bastante idoso); ao contrário, obedientemente se submeteu àquela situação, deixou-se amarrar e imolar.

- Semelhantemente, Isaque não tomou qualquer atitude para formar uma descendência, não se misturou com os povos que habitavam a terra de Canaã, aguardando a ordem do pai e aceitando desposar uma parenta que lhe foi trazida de Padã-Arã.

- Nota-se que Isaque era um homem de oração. Ele havia aprendido cedo a ter uma relacionamento com o Senhor. Quando Rebeca, sua futura esposa, chegou a Canaã, Isaque estava orando (Gn. 24.63). Quando descobriu que Rebeca era estéril, ele não a mandou embora, não arrumou outra esposa, não reclamou, só orou.

- Isaque orou durante 20 anos para que Rebeca tivesse filhos, numa perseverança que demonstra a sua fé em Deus e seu caráter espiritual. Após 20 anos, Deus atendeu o pedido de Isaque e Rebeca engravidou de gêmeos (Gn. 25.19,21,26).

- Rebeca notou que havia uma luta dentro do seu ventre e foi orar pedindo a Deus que lhe explicasse o que estava acontecendo (Gn. 25.22). Vemos aí que Isaque havia influenciado positivamente sua mulher; ela, que havia nascido e sido criada em um ambiente idólatra, acatou a fé do marido, passou a servir a Deus e a ter também uma vida de oração.

- Deus respondeu a Rebeca, informando que havia duas nações em seu ventre, e que o maior serviria ao menor. Temos aí o primeiro “ultrassom” da humanidade, pois Rebeca já ficou sabendo que teria dois filhos homens e que a bênção de Deus estaria com o mais novo (Gn. 25.22-23).

- Certamente Rebeca contou isso a Isaque. Quando os gêmeos nasceram, confirmou-se o que Deus dissera: o caçula nasceu agarrado ao calcanhar do mais velho e, por isso, ele recebeu o nome de Jacó, que significa “suplantador”.

- Esse nome dado a Jacó é frequentemente interpretado como “enganador”. Mas “suplantador” também pode ter o significado de “aquele que supera as dificuldades”. Na verdade os dois sentidos são válidos e aplicáveis à vida de Jacó.

- Ao longo dos anos, o comportamento de cada filho gerou em cada um dos pais uma predileção. Esaú era perito na caça, homem do campo, e isto era do agrado de Isaque, que gostava de caça. Jacó, ao contrário, era mais caseiro, companheiro da mãe, que sabia ser ele o escolhido de Deus para prosseguir as promessas dadas a Abraão.

- Aí começaram os problemas que levaram à destruição do lar de Isaque e Rebeca. Os pais deixaram-se levar pelos seus gostos, pelas suas afinidades, e passaram a agir parcialmente com relação aos filhos; Isaque aproximou-se de Esaú, passando a privilegiá-lo; Rebeca aproximou-se de Jacó, também passando a privilegiá-lo.

- Agradados pelo jeito de cada um dos filhos, Isaque e Rebeca agiram como se esse filho que lhe agradava fosse o único, desprezando o outro. A dedicação se fazia apenas a um deles, fazendo acepção entre os filhos.

- Fazer acepção de pessoas é, de certa forma, colocar-se no lugar de Deus, pois Deus criou a todos e trata a todos sem acepção. Jesus veio morrer por todos. Deus quer que todos se salvem e venham ao conhecimento da verdade (1 Tm. 2.4). Escolher alguém em detrimento de outrem é contrariar o propósito divino. Tiago deixa claro que fazer acepção de pessoas é pecado (Tg. 2.9).

- Os meninos cresceram e Esaú se revelou uma pessoa totalmente descomprometida com as coisas espirituais, não dando valor algum à sua condição de primogênito e, portanto, herdeiro das promessas divinas dadas a Abraão. Jacó, ao contrário, sabendo do que o Senhor dissera à sua mãe, ansiava grandemente por herdar tal bênção. Foi nesse contexto que Esaú acabou vendendo a sua bênção por um prato de lentilhas (Gn. 25.29-34).

- Esaú era profano e fornicador (Hb. 12.16), mas não consta que Isaque tenha censurado ou repreendido este comportamento de Esaú, provavelmente por causa desse favoritismo que Isaque tinha por ele. E não consta também que Rebeca tenha censurado Esaú, talvez porque tenha entendido que o comportamento ruim de Esaú favorecia Jacó, seu predileto, tornando-o a única opção para receber a bênção.

- A falta de repreensão e castigo fez com que Esaú mais e mais se envolvesse apenas com as coisas terrenas e, por isso, quando fez 40 anos, tomou duas mulheres cananeias como esposas (Gn. 26.27). Ou seja, além de se casar com mulheres cananeias, misturando-se com um povo que deveria ser destruído (conforme Deus havia informado a seu avô Abraão – Gn. 15.15-16), Esaú também adotou a bigamia, algo que, embora tolerado na época, era contrário aos princípios divinos. Tanto seu avô Abraão quanto seu pai Isaque haviam evitado a bigamia, mas Esaú não seguiu os bons exemplos que tinha.

- A Bíblia diz que este gesto de Esaú trouxe a Isaque e a Rebeca amargura de espírito (Gn. 26.35), mas em nenhum momento nenhum dos dois se opôs ao ato profano de Esaú. Ambos “passaram a mão na cabeça” do filho profano, cada um com seu motivo (como dito acima, Isaque provavelmente porque Esaú era seu filho preferido; e Rebeca provavelmente porque via na conduta ruim de Esaú uma vantagem para seu filho preferido Jacó).

- Vejamos que a negligência de Isaque e Rebeca na correção de Esaú permitiu ao diabo introduzir na família o pecado, que foi o princípio da derrocada da família de Isaque. Deus havia chamado Abraão para se tornar separado do pecado dos cananeus, o que ele conseguiu fazer quase sempre. Isaque seguiu os passos do pai, mantendo-se também separado daquela gente. Mas Esaú, ao contrário, misturou-se com os cananeus, trazendo duas mulheres cananeias para dentro da família que era para se manter separada.

- Mas a situação ainda iria piorar. Achando que estava próximo da morte (o que não era verdade, pois Isaque ainda viveu bastante depois desse episódio), Isaque resolveu abençoar seu filho Esaú, contrariando a vontade de Deus, que já tinha determinado que a bênção seria para Jacó. Isaque levou em conta apenas o seu gosto pela caça de Esaú, sem levar em conta a vontade de Deus.

- Isaque então mandou Esaú preparar-lhe uma caça para lhe dar a bênção da primogenitura, esquecendo-se que a bênção não era sua, mas de Deus. Deus já tinha escolhido Jacó antes mesmo do nascimento dos dois (Rm. 9.11). Não caberia a Isaque mudar isso.

- Rebeca, por outro lado, também tentou manipular a bênção a favor de seu filho predileto, Jacó. Chamou Jacó e o convenceu a se passar por seu irmão Esaú, preparou um guisado como Isaque gostava, pôs pelos nos braços de Jacó e fez ele usar a roupa de Esaú, tudo para iludir Isaque, que acabou abençoando Jacó achando que estava abençoando Esaú (Gn. 27.6-29).

- Observemos que tanto Isaque quanto Rebeca estavam errados em seu procedimento. A acepção de pessoas fez com que eles demonstrassem falta de temor a Deus, tentando manipular a vontade de Deus, como se Deus pudesse se deixar enganar.

- Se o temor do Senhor é o princípio da sabedoria (S. 111.10), a falta de temor é o princípio da loucura, um passo decisivo para a perda da salvação (Jd. 12). A falta de temor faz com que as pessoas deixem de aborrecer o mal, a soberba, a arrogância, o mau caminho e a boca perversa (Pv. 8.13).

- O máximo da arrogância saiu da boca de Rebeca, chamando para si eventual maldição que viesse sobre Jacó quando fosse descoberto por seu pai (Gn. 27.13). Além de incentivar o filho a mentir, ela também o convenceu a não temer ao pai. Foi justamente ela que mais sofreu as consequências desse ato: Rebeca nunca mais viu o seu filho predileto.

- A predileção por um dos filhos levou também Isaque e Rebeca a se mostrarem incrédulos. Ao pretender abençoar Esaú, Isaque mostrou que não cria no que Deus falara a Rebeca antes do nascimento dos seus filhos. E Rebeca, ao tentar enganar Isaque, também mostrou que não cria que Deus poderia fazer o que havia dito, ainda contra a vontade de Isaque. A incredulidade impede-nos de entrar no lugar prometido por Deus (Hb. 3.19). Quem não crê já está condenado (Mc. 16.16).

- O pecado já tinha entrado na família de Isaque com os anteriores de Esaú, mas agora a predileção por um dos filhos trouxe para a família de Isaque também a mentira, o engano, a desconfiança e o ódio entre os irmãos. Um abismo chama outro abismo (Sl. 42.7). A verdade é que não podemos dar lugar ao diabo (Ef. 4.27), pois ele toma conta de tudo.

- É curioso notar que o único que não errou nesse episódio foi justamente o mais profano deles: Esaú. Rebeca armou todo o plano, mentiu e fez mentir, fez o filho desrespeitar o pai, chamou maldição para si. Jacó mentiu, desrespeitou o pai, enganou o

irmão. Isaque tentou assumir o lugar de Deus na escolha do filho a ser abençoado. Justamente aqueles que valorizavam a bênção de Deus foram os que mais erraram.

- Alguém poderia dizer que Deus estava no controle de tudo, fazendo isso acontecer desta forma para que o seu escolhido (Jacó) fosse abençoado em lugar de Esaú. Chegamos a dizer que “Deus escreve certo por linhas tortas”. Mas isso não é verdade. As linhas de Deus são certas, não são tortas. Deus não precisa de linhas tortas para escrever o certo. Deus não precisa de nossas atitudes erradas para fazer o que é certo. Deus não precisa do plano torto de Rebeca paraabençoar Jacó. Ele certamente teria a forma correta de fazer isso.

- A verdade é que a bênção que Isaque acabou dando para Jacó não valeu de absolutamente nada, não foi a verdadeira bênção de Deus, pois Deus não habita no meio da mentira, do engano, da falsidade. Jesus disse que o pai da mentira é o diabo (Jo. 8.44) e que o diabo nada tem em Cristo (Jo. 14.30). Portanto, a bênção que Isaque deu a Jacó nesse ato cheio de mentira não teve o aval de Deus.

- A verdadeira bênção a Jacó, dentro dos planos de Deus, veio depois. Em Gn. 28.1, lemos: “E Isaque chamou a Jacó, e abençoou-o, e ordenou-lhe, e disse-lhe: Não tomes mulher de entre as filhas de Canaã”. Aqui sim nós temos a verdadeira bênção de Deus, com o aval de Deus.

- Pode até ser que esta bênção tenha tido os mesmos termos (as mesmas palavras) da bênção anterior. Mas o que importa é que esta bênção é que poderia efetivamente valer, pois não foi eivada pela mentira, pelo engano.

- A bênção do Senhor enriquece e não acrescenta dores (Pv. 10.22). Sabemos que aquela primeira bênção, derivada do engano, só causou mal estar na família, já que Esaú, sabendo ter sido enganado, prometeu matar Jacó depois que seu pai morresse. Isto não pode ter sido bênção do Senhor.

- A história termina com o desfazimento da família de Isaque. Jacó foi mandado para Padã-Arã, onde poderia se casar com alguém da sua parentela, evitando o erro de Esaú de se casar com cananeia. Esaú também foi embora para Seir (Gn. 32.3). Isaque e Rebeca terminaram seus dias sozinhos.

- Isaque também foi privado de seu papel de orientar seu filho na continuação da bênção, como Abraão havia feito com ele. E também deixou de arrumar ele próprio a futura esposa de Jacó, como Abraão havia feito com ele.

- Como Jesus disse: “toda casa dividida contra si mesmo cairá” (Mt. 12.25; Lc. 11.17). Esta verdade se cumpriu na família de Isaque. Em vez de imitarmos Isaque e Rebeca, devemos imitar o pai da parábola do filho pródigo (Lc. 15.11-32), que tratou seus filhos com total imparcialidade.

Texto Áureo:

Gn. 25.28

28 E amava Isaque a Esaú, porque a caça era do seu gosto, mas Rebeca amava a Jacó.

Texto da Leitura Bíblica em classe:

Gênesis 25.19-28

19 E estas são as gerações de Isaque, filho de Abraão: Abraão gerou a Isaque;

20 e era Isaque da idade de quarenta anos, quando tomou a Rebeca, filha de Betuel, arameu de Padã-Arã, irmã de Labão, arameu, por sua mulher.

21 E Isaque orou instantemente ao Senhor por sua mulher, porquanto era estéril; e o Senhor ouviu as suas orações, e Rebeca, sua mulher, concebeu.

22 E os filhos lutavam dentro dela; então disse: Se assim é, por que sou eu assim? E foi-se a perguntar ao Senhor.

23 E o Senhor lhe disse: Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas: um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor.

24 E, cumprindo-se os seus dias para dar a luz, eis gêmeos no seu ventre.

25 E saiu o primeiro, ruivo e todo com a uma veste cabeluda; por isso, chamaram o seu nome Esaú.

26 E, depois, saiu o seu irmão, agarrando sua mão ao calcanhar de Esaú; por isso, se chamou o seu nome Jacó. E era Isaque da idade de sessenta anos quando os gerou.

27 E cresceram os meninos. E Esaú foi varão perito na caça, varão do campo; mas Jacó era varão simples, habitando em tendas.

28 E amava Isaque a Esaú, porque a caça era do seu gosto; mas Rebeca amava a Jacó.

Referências bibliográficas:

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – Aviva ó, Senhor, a tua obra**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética**. Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **A predileção dos pais por um dos filhos**. Subsídio publicado no *site* <http://www.portalebd.org.br/>
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **A predileção dos pais por um dos filhos**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **A predileção dos pais por um dos filhos**. Subsídio publicado no *site* <http://abimaeljr.wordpress.com.br>
- OLIVEIRA, Euclides. **A predileção dos pais por um dos filhos**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- CABRAL, Elienai. **Lições Bíblicas: Relacionamentos em família – Superando desafios e problemas com exemplos da Palavra de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.
- CABRAL, Elienai. **Relacionamentos em família – Superando desafios e problemas com exemplos da Palavra de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.